

## O ÍCONE DO BATISMO DO SENHOR (EPIFANIA)

Paul Nicolaïevitch Evdokimov

*Tradução de Edmar José de Almeida \**

*Revisão de Vani Terezinha de Rezende \*\**

Tradução do original francês: L'icône du baptême du Seigneur (Ephipanie). In: EVDOKIMOV, P., *L'art de l'icône - Théologie de la beauté*. Desclée De Brouwer, 1972. Cap.IV. p. 239-247. Paul Evdokimov (1901-1970), teólogo e místico cristão ortodoxo nasceu em São Petersburgo e imigrou para a França no contexto da Revolução Russa. Desde 1953 foi professor no Institut Saint-Serge de Paris e a partir de 1967 no Institut d'études oecuméniques. Por seu empenho em favor do ecumenismo e da aproximação entre as espiritualidades cristãs do oriente e do ocidente foi convidado como observador ortodoxo no Concílio Vaticano II, no qual teve grande participação. Sem cair no esteticismo, este seu livro, *A Arte do Ícone: Teologia da Beleza*, oferece profundos estudos de teologia mística pela via da beleza divino-humana. O capítulo aqui traduzido é um estudo do ícone Epifania, por ele escolhido, e trata do batismo de Nosso Senhor Jesus Cristo. O batismo é considerado o ponto mais alto do Novo Testamento – é nele, e somente nele, que a Trindade se manifesta em toda a sua integralidade. (Nota da Revisão).

Até o século IV, a Natividade e o Batismo do Senhor foram celebrados no mesmo dia<sup>1</sup>. A sua unidade está ainda visível na estrutura semelhante dos ofícios dessas duas festas e mostra uma certa finalização do acontecimento da Natividade no acontecimento do Batismo. “Na sua Natividade, diz São Jerônimo, o Filho de Deus vem ao mundo de maneira escondida, no seu Batismo, ele aparece de maneira manifesta.” O mesmo diz São João Crisóstomo: “A Epifania não é a festa da Natividade, mas a do Batismo.” Antes, ele era desconhecido do povo, pelo Batismo, ele se revela a todos<sup>2</sup>”.

O Espírito Santo repousa eternamente sobre o Filho; “força manifestadora”, revela o Filho ao Pai, e o Pai ao Filho e realiza desta maneira a filiação *divina*, ele é “a alegria eterna... em que os

---

\* Artista plástico e iconógrafo.

\*\* Doutora em filosofia pela Universidade de São Paulo- USP.

<sup>1</sup> Em Antioquia, somente em 326 as festas se separaram. *Constitutions Apostoliques* V, 12; VIII, 33.

<sup>2</sup> *Hom.* 37 sobre o Batismo.

três se comprazem juntos<sup>3</sup>”. A Encarnação se enraíza no mesmo ato de filiação, mas cobre progressivamente a *humanidade* do Cristo.

Na Natividade, o Espírito Santo desce sobre a Virgem e a torna realmente *Théotokos*, Mãe de Deus: “a criança divina que nascerá será chamada o Filho de Deus” (*Lucas I, 35*). “O menino crescia... e a graça de Deus estava com ele” (*Lucas II, 40*). – “Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça” (*Lucas II, 52*). Para ser “verdadeiro homem”, a natureza humana de Cristo passa por sua crença natural e progressiva; a graça do Espírito o acompanha, mas ainda não é a Hipóstase (1) do Espírito repousando sobre ele como ela repousa eternamente sobre a divindade. Ora, falando do Batismo, São Cirilo de Jerusalém e São João Damasceno<sup>4</sup> citam os *Atos* (10,38): “Deus ungiu do Espírito Santo Jesus de Nazaré”, e eles sublinham nesse acontecimento o ponto culminante da maturidade, a manifestação da humanidade do Senhor desde sempre plenamente deificado. Ele é o Cristo, o Ungido; o Espírito revela sua Humanidade ao Pai e o Pai o recebe como seu Filho: “Nesse momento uma voz foi ouvida dos céus dizendo: Este é o meu Filho bem amado no qual eu coloquei todo o meu afeto” (*Mateus 3,17*). O Espírito descendo sobre o Filho encarnado como o sopro de adoção no momento mesmo no qual o Pai diz: “Hoje, eu te engendrei<sup>5</sup>.”

“Minha afeição” ou meu “comprazimento” é o amor recíproco do Pai e do Filho que repousa sobre o Cristo na descida hipostática do espírito. O Deus homem se revela realmente Filho nas suas duas naturezas e essa plenitude do “verdadeiro Deus e verdadeiro Homem” será reafirmada na Transfiguração como um ato já manifestado no Batismo: “Este é o meu Filho bem amado.” É por isso que o Batismo se chama Theofania, Epifania, manifestação das três Pessoas no seu testemunho unânime. Se o tropário da Transfiguração diz: “Tu te transfigurou... para mostrar aos teus discípulos tua glória”, o tropário do Batismo anuncia: “Desde o momento de teu Batismo no Jordão ó Cristo... a voz do Pai te prestou testemunho te dando o nome de Filho bem amado e o Espírito, sob forma de pomba confirmou a irrecusável verdade desta palavra...”

Assim Jesus cresce até a sua maturidade – “Ele tinha em torno de 30 anos” (*Lucas 3,23*) – quando na sinagoga de Nazaré anuncia ele próprio solenemente: “O Espírito do Senhor está sobre

<sup>3</sup> São Gregório Palamas, *Cap. phys. 37*; P.G.150, 1144.

<sup>4</sup> *De f. orth.*, V, 9.

<sup>5</sup> Variante do texto de São Lucas que cita o *Sal. 2,7*.

mim, ele me ungiu” (*Lucas 4,18*). Eis aí o mistério da própria Encarnação. A humanidade de Cristo passa por sua livre determinação. Jesus se consagra conscientemente na sua missão terrestre submetendo-se inteiramente à vontade do Pai e o Pai lhe responde enviando sobre ele o Espírito Santo.

Todo simbolismo denso e profundo do Batismo que o ícone da festa nos mostra nos faz compreender a amplidão terrível deste ato: já é a morte sobre a Cruz; o Cristo dizendo a São João: “agora é assim que nos convém cumprir toda a justiça” (*Mateus 3,15*) antecipa a última palavra que ressoará no jardim do Getsêmani: “Pai que a sua vontade seja feita...” A correspondência litúrgica das festas sublinha isso explicitamente: desta maneira os cantos do ofício de 3 de janeiro apresentam uma analogia tocante com os da Quinta Feira Santa, o ofício de 4 de janeiro com o da Sexta Feira da Paixão e o ofício de 5 de janeiro com o da Quarta Feira Santa e do Sábado da Paixão. .

São João Batista é revestido de um ministério de testemunho: é o testemunho da submissão de Cristo, de sua última *kénose*. Mas, em João Batista como Arquétipo<sup>6</sup>, como representante da espécie humana, é toda a Humanidade que é testemunha do Amor divino. A “Filantropia de Deus” culmina no ato do Batismo, “o cumprimento da justiça”, com a morte e a ressurreição no final, cumprimento da decisão pré-eterna que nós contemplamos no Ícone da Trindade (2).

“Ora, como todo o povo foi batizado, Jesus também foi batizado”. (*Lucas 3, 21*). O Verbo veio à terra em direção aos homens e nós estamos na presença do Encontro o mais assombroso de Deus e da Humanidade (“todo o povo”). Misticamente, em João Batista todos os homens se reconhecem “filhos no Filho”, “os filhos bem amados” no “Filho bem amado” e, portanto, os “amigos do Esposo”, as testemunhas (3). O *fiat* da Virgem foi o *sim* de toda humanidade à Encarnação, à vinda de Deus “nos seus”. Em São João, um no meio dos “seus”, todos os homens dizem *fiat* ao Encontro, à Amizade divina, à Filantropia do Pai, Amigo dos homens. Como o velho Simeão “movido pelo Espírito” encontra e recebe o menino Jesus, João [Batista] encontra e recebe Jesus-Messias: “Apareceu um homem enviado de Deus, ele se chamava João, ele veio como testemunho, para dar testemunho à luz, a fim de que todos acreditassem nele” (*João I, 6-7*). Ele

---

<sup>6</sup> Ver o comentário do Ícone da *Déisis* da nossa obra *A Mulher e a salvação do mundo*.

testemunha por *todos*, e esse testemunho é um acontecimento no interior da Humanidade inteira e concerne a todos os homens.

No IVº Evangelho nos fala São João no “prólogo”, logo após “a Palavra que existe no “começo”, da eternidade. O céu se abre diante dele e lhe “dá testemunho”: Eu vi o Espírito descer sobre ele... É ele que é o Filho de Deus” (*João I, 29-34*); nesta breve palavra está, de forma sintetizada, todo o Evangelho. João [Batista] é aquele que sabe, ele aponta o Cordeiro porque é iniciado no mistério do “Cordeiro imolado desde a fundação do mundo”...

João [Batista] não “profetizou” e ele é o maior dos profetas, como o dedo de Deus ele designa o Cristo. Ele é o maior porque, de todos os profetas é o menor, o que quer dizer isento de qualquer suficiência para ser somente “aquele que estava lá”, aquele que se rejubila ouvindo a voz do Esposo, que é o amigo do Esposo e sua alegria é grande e sem medida. Ele é a proximidade mais íntima onde a Palavra ressoa. Ele é a imagem do Filho que não é outra coisa que a Palavra do Pai. Ele é a imagem do Espírito, pois ele não diz nada de si próprio, mas fala em nome d’Aquele que veio. Ele é aquele “violento que encanta os céus” e seu martírio ilustra admiravelmente um antigo *logion* (4) monástico: “dá o teu sangue e recebe o Espírito”... Com a *Théotokos* ele está ao lado do Cristo Juiz e intercede com a Virgem por todos os homens. Ele pode fazer isto porque sua “amizade” atinge o mesmo nível de um grande mestre espiritual que a história nos conta no *Apophthegmata Patrum*: “São Païssius o Grande rezava pelo seu discípulo que tinha renegado Cristo, e enquanto ele rezava, o Senhor apareceu-lhe e lhe perguntou: ‘Païssius, por quem estás rezando? Não sabes que ele me renegou?’ Mas o santo não parava de sofrer e ter piedade por seu discípulo, e então o Senhor lhe disse: ‘Païssius, tu te assimilou a mim por teu amor...’ “

A liturgia chama João Batista: “pregador, anjo e apóstolo”. Ele testemunha e sua voz de amigo do Esposo suscita a primeira vocação apostólica: “André e João seguiram Jesus” (*João I, 37*). Mais tarde, ele deixa esse mundo e desce aos Infernos como Precursor da Boa Nova.

O batismo de João antes da Epifania não era mais que um “batismo de repetição para a remissão dos pecados” (*Lucas 3, 3*), era a conversão da última espera. Indo ao rio Jordão, Jesus não foi fazer penitência, mesmo porque ele não tem pecado; nem mesmo para dar exemplo de humildade, nada disso responde à grandeza desse acontecimento. O batismo de Jesus é o seu Pentecostes pessoal, a descida do Espírito Santo e a Epifania trinitária: “No momento do teu

batismo no Jordão, Senhor, foi manifestada a adoração à Trindade” (tropário da festa). É dessa plenitude que vem o sacramento do batismo em nome de Jesus, esse nome que se precisa imediatamente na fórmula batismal plena: “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Os textos litúrgicos chamam a festa “o grande Ano Novo” porque “o universo se renova na luz da Trindade”. Foi justamente nesse período que os primeiros bispos escolheram para anunciar às igrejas o grande tempo da quaresma e a data da celebração da Páscoa.

O ícone da Epifania reproduz o relato evangélico, mas acrescenta alguns detalhes a partir da liturgia da festa e mostra o que João poderia relatar. No alto do ícone o fragmento de um círculo representa os céus que se abrem, e uma sinuosidade que parece a franja de uma nuvem, de onde sai a mão abençoada do Pai. Desse círculo partem raios de luz, atributo do Espírito Santo e que iluminam a Pomba. Reminiscência da palavra inicial “Que a Luz seja”, a “energia manifestadora” revela o Deus trinitário: “A Trindade, nosso Deus, se manifestou a nós sem divisão”. O Cristo veio para ser a luz do mundo que ilumina todos aqueles que jaziam nas trevas. (*Mateus 4,16*), daí o nome, “Festa das Luzes<sup>7</sup>”. “Enquanto Jesus descia nas águas, o fogo acendeu no Jordão<sup>8</sup>”, é o Pentecostes do Senhor, e o Verbo prefigurado pela “coluna de luz” mostra que o batismo é *iluminação*, nascimento do ser à luz divina.

É por isso que na vigília da festa acontecia o batismo dos catecúmenos e o templo era inundado de luz, signo da iniciação do conhecimento de Deus. A testemunha dessa luz, São João, está de acordo com o acontecimento, mesmo porque ele mesmo é “a chama iluminada e brilhante” e as pessoas vinham “se alegrar na sua luz” (*João 5, 35*).

A descida do Espírito Santo sob a forma de uma Pomba traduz o movimento do Pai que se dirige a seu Filho. Por outro lado, ela se explica, segundo os Pais<sup>9</sup>, pela analogia com o dilúvio e a pomba com o ramo de oliveira, signo da paz. O Espírito Santo plainando sobre as águas primordiais suscitou a vida, da mesma forma que plainando sobre as águas do Jordão suscita o segundo nascimento da nova criatura.

O Cristo é representado em pé contra o fundo da água, “recoberto pelas ondas do Jordão”. Desde o início de sua missão, Jesus afronta os elementos cósmicos que trazem consigo as

<sup>7</sup> S. Gregório de Nazance, Or. XI, 46; XL, 24.

<sup>8</sup> Tatiano, *Diatessaron*, 88,3; cf. *Evangelho dos Nazarenos*.

<sup>9</sup> S. João Damascero, *De Fide Orth.* III, 16.

potências tenebrosas: a água, o ar e o deserto. A travessia do Mar Vermelho é uma das figuras do batismo: a vitória de Deus sobre o dragão do mar, o monstro Rahab. Um verso cantado na festa faz ouvir o Senhor dizendo a João Batista: “Profeta, vem me batizar... Eu não posso esperar para extinguir o inimigo escondido nas águas, o príncipe das trevas, para livrar o mundo das suas redes, dando-lhe a vida eterna.” Desta maneira, entrando no Jordão, o Senhor purifica as águas: “Hoje em dia, as águas do Jordão se transformaram em remédio e toda a criatura é irrigada por ondas místicas...” (oração de São Sofrônio). É todo o universo que recebe a sua santificação: “O Cristo foi batizado; ele sai da água e reconstrói o mundo” (prece de Cosmas). “Ele quebra a cabeça dos dragões e recria Adão”, é a re-criação do ser humano, sua restauração no *lavacrum* (5) purificador do sacramento. Dídimo, o cego<sup>10</sup> esclarece: “Deus me deu por Mãe a fonte batismal (Igreja), por Pai o Altíssimo, por irmão o Senhor que se fez batizar por nós.”

Sobre o ícone, com a mão direita o Cristo abençoa as águas e as prepara para se tornarem nas águas do batismo, que ele santifica com a própria imersão. A água muda de significação, outrora imagem da morte (o dilúvio), ela é neste momento “a fonte das águas vivas” (*Apoc. 21,6; João 4,14*). Sacramentalmente, a água do batismo recebe o valor do sangue de Cristo.

Aos pés do Senhor, nas águas do Jordão, o ícone mostra duas pequenas criaturas humanas, ilustração dos textos veterotestamentários que fazem parte do ofício: “o mar viu isto e fugiu, o Jordão refluíu” (*Sl. CXIII, 3*). O tropário (ton 4) explica: “O Jordão refluíu outrora pelo manto de Eliseu, e as águas dividiram deixando uma passagem seca, à imagem verdadeira do batismo pela qual atravessamos o curso de nossas vidas.” Imagem simbólica que fala da *métanoïa* ainda invisível da natureza cósmica, a reviravolta (6) de sua ontologia. A benção “da natureza aquática” santifica o princípio da vida terrestre. É por isso que, após a divina liturgia, tem lugar a “grande benção das águas” (de um riacho, de uma fonte ou simplesmente de um recipiente colocado dentro da igreja).

Voltando a falar das águas não santificadas, a imagem da morte-dilúvio, a liturgia as nomeia de “túmulo líquido” – *hudatostrôtos taphos*. Com efeito, o ícone mostra Jesus entrando nas águas como se fosse num túmulo líquido. Este na forma de uma caverna sombria (imagem iconográfica do inferno) contendo por inteiro o corpo do Senhor (imagem do sepultamento reproduzida no sacramento do batismo pela imersão total, figura do *triduum* pascal), a fim de “arrancar o chefe da

<sup>10</sup> P.G. 39, 692 B.

nossa raça da sua permanência nas trevas”. Continuando o simbolismo antecipador da Natividade, o ícone da Epifania mostra antecipadamente a descida de Cristo aos infernos: “Tendo descido nas águas ele ligou o forte<sup>11</sup>”. “São João Crisóstomo comenta: “A imersão e a emersão são a imagem da descida aos infernos e da ressurreição<sup>12</sup>.”

O Cristo está representado quase nu, ele vestiu a nudez adâmica e desta maneira ele entrega à humanidade sua vestimenta paradisiaca de glória. Para mostrar a sua iniciativa soberana, ele está representado dando um passo em direção a São João [Batista]: é livremente que ele vem e inclina a cabeça. João [Batista] fica aterrorizado: “sou eu que necessito ser batizado por ti e tu vens a mim!”... Jesus lhe ordena: “faça o que deve ser feito”. João estende a mão direita em um gesto ritual, na mão esquerda segura o rolo, texto da sua pregação.

Os anjos da Encarnação estão numa atitude de adoração, as mãos cobertas como signo de veneração. Eles também simbolizam e ilustram a palavra de São Paulo (*Gl. 3, 27*): “Vós todos que fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo...”

---

#### Notas do tradutor

(1) Em grego antigo: ὑπόστασις - *hypostasis*, "substância". O termo aqui remete à doutrina da Trindade, expressa na fórmula “três hipósteses (substâncias) em uma só *ousia* (essência) e foi tema de controvérsia durante muito tempo. No contexto trinitário, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três hipóstases em uma única divindade. A palavra hipóstase também se refere à “união hipostática” da natureza humana e divina de Cristo.

(2) O ícone da Santíssima Trindade, do iconógrafo russo do séc. XIV André Rublev, ao qual se refere Evdokimov, está na galeria Tretiakov, Moscou, Rússia.

(3) O séquito das testemunhas das bodas do Esposo. Representação da humanidade, pois João Batista é o primeiro a entrar no reino.

(4) *Logion* pode ser entendido aqui simplesmente como sentença.

(5) Banho.

(6) As águas pelo inverso.

---

<sup>11</sup> São Cirilo de Jerusalém, *P.G.* 33, 441 B.

<sup>12</sup> 89 I *Cor.* 40; *P.G.* 61, 34 B.